

O 'OLHAR' A CIDADE PELOS 'OLHOS' DAS ÁGUAS¹

Lúcia Helena Batista GRATÃO²

Resumo

Pelo horizonte da percepção da paisagem procurou-se 'olhar' a cidade pelos 'olhos' das águas. Pela via das águas, uma exploração geográfica pelo imaginário e imaginação para chegar aos significados e valores. Cidades são *cosmos*, na medida em que narram, através de sua arquitetura e sua arte, também seu sentido. A imagem do lugar tem significado, prático e emocional; orienta e conduz os indivíduos nas suas existências. Pelas águas, tomam conhecimento de seus caminhos, localizam seus lugares e paisagens. (Per)curso essenciais de orientação para os que habitam o mundo citadino. Águas urbanas dão acesso ao *lugar*. Nessa linha de horizonte, a abordagem brota de uma "geografia mais subjetiva", mirada pelo "olhar fenomenológico" e substanciada pelas "águas do humanismo" – corpo da geografia fenomenológica.

Palavras-Chave: Água e Cidade. Percepção Geográfica. Paisagem da Cidade. Imaginário da Água. Qualidade de Vida.

Abstract

The "looking" of a city by the "eyes" of waters

Through the horizon of landscape perception it was tried to "look" the city by the "eyes" of waters. By the path of waters, a geographical exploration through imaginary and imagination, to reach meanings and values. Cities are *cosmoses* in the measure in that they narrate also its sense from its architecture and art. The image of the place has meaning, practical and emotional; it guides and it drives the individuals in their existences. Through waters, they become aware of their ways, they locate their places and landscapes. Essential orientation courses for the ones that inhabit the "town world". Urban waters give access to the *place*. In this horizon line, the approach springs from a "more subjective geography", aimed at by the "phenomenological look" and nourished by the "humanism waters" – body of the phenomenological geography.

Key words: Water and the city. Geographical perception. Landscape of the city. Water imaginary. Quality of life.

¹ A primeira versão deste texto serviu como base da participação na Mesa-redonda "Paisagem e Qualidade de Vida nas Cidades", realizada durante o I Encontro de Percepção e Paisagem da Cidade, na cidade de Bauru (SP), em maio de 2006, promovido pelo NUPECAM/UNESP.

² Geógrafa, Prof^a Dr^a do Departamento de Geociências, Pesquisadora do Grupo Imagens, Paisagens & Personagens (IMAP&P), ambos da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Percepção e Cognição Ambientais (NUPECAM), da Universidade Estadual Paulista (UNESP). lugratao@uel.br. Endereço para correspondência - :Departamento de Geociências - Centro de Ciências Exatas - Universidade Estadual de Londrina - Campus Universitário - CEP 86051-990 - Londrina – PR

... a história do mundo vivo se resume na elaboração de olhos cada vez mais perfeitos no seio de um Cosmos, onde é possível ver cada vez mais.

Teilhard de Chardin, O fenômeno humano.

PRELÚDIO 1 – HORIZONTE DE UMA CIDADE CONTEMPLADA PELOS 'OLHOS' DAS ÁGUAS

O debate sobre a qualidade de vida nas cidades traz a problemática ambiental urbana atual como resultado duma época em que a renovação das cidades é intensa, profunda e acentuada. Esta problemática se liga à reflexão sobre a paisagem, já que os aspectos visuais e formais das cidades possuem profunda ligação com os atributos ligados às definições mais recentes da qualidade ambiental nas cidades. Esta reflexão nos traz a dimensão da paisagem, sua percepção e a natureza da relação homem-meio para o eixo do debate e das preocupações. Interpretando as interfaces existentes entre as mais diversas áreas do conhecimento que têm por objetivo principal de estudo as relações entre o homem e o ambiente, justifica-se uma atuação conjunta no espaço da cidade em projetos interdisciplinares tendo como foco comum a vivência e a percepção do espaço.

Através da reflexão no sentido do imaginário e da imaginação geográfica, e compreendendo que a cidade pode ser (en)focada sob variadas formas, buscamos contribuir, na discussão em tela, com uma abordagem da cidade contemplada pelos 'olhos' das águas. A partir desse vislumbre pela projeção bachelardiana da poética do espaço, procuramos revelar a cidade enquanto um conjunto de imagens, além de uma unidade estatística e espacial, repleta de sentido e significado.

O foco de trajeto procura seguir pelo (per)curso da percepção geográfica, enquanto um observar a instalação e transfiguração de um certo 'olhar geográfico estético' que percorre a cidade procurando o (des)velar das águas na qualidade de vida pelo campo de investigação de uma '*geografia andante*' – 'olho e pé' – caminhando e (des)vendendo águas urbanas. Como o *flâneur* que passeia procurando observar, vivenciar e sentir a qualidade de vida na cidade.

Walter Benjamin, o último dos grandes *flâneurs* literários, escreve:

O *flâneur* é criação de Paris. [...] Pois não são os estrangeiros, mas eles mesmos, os parisienses, que fizeram de Paris a Terra Prometida dos *flâneurs*, uma "paisagem feita de gente viva", como Hofmannsthal chamou-a uma vez. Paisagem – é isso que a cidade se torna para o *flâneur*. Ou, mais precisamente, a cidade se divide em seus dois pólos dialéticos. Torna-se uma paisagem que se abre para ele e uma sala de estar que o encerra. [...] Num único e curto parágrafo, Benjamin assinala a exata natureza do *flâneur*. Ele (ou ela) não é um turista entusiasmado perseguindo as Grandes Vistas e riscando-as de uma lista de maravilhas padronizadas. Ele (ou ela) é um parisiense em busca de um momento íntimo, e não de uma aula, sendo que se as maravilhas, por um lado, podem ser edificantes, por outro não chegam a dar arrepios no observador. [...] Seja como for, segundo Benjamin explica, o *flâneur* procura experiência, não conhecimento, desperta White (BENJAMIN, apud WHITE, 2001, p. 54-56).

Como captar essa experiência? Aqui, pelos 'olhos' das águas – no espelho d'água – na cor; na transparência; no cheiro; nas atitudes dos seus habitantes; nas narrativas das

pessoas; nas expressões das artes literárias, plásticas e musicais – no cotidiano da cidade. Na água de beber; água de banhar; água de benzer. Pelos rios, córregos, vales e lagos da cidade é possível encontrar essas relações com a sua natureza e observar como se (re)velam a qualidade de vida nas cidades. No ritmo do 'olho e do pé', o curso e (per)curso das águas e o (des)velar da paisagem pelos caminhos da percepção do meio ambiente (OLIVEIRA, 2001, 2004; MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Da consciência à percepção – estado de conhecer – e de ressonância – 'simpatia' – "sentir com" – "estar com" – num só ritmo. E, assim, a cidade vai sendo investigada pelos 'olhos' das águas. Pela imagem das águas, as suas múltiplas dimensões vão sendo (des)veladas e (re)veladas. Um ato de olhar significando um dirigir a mente para um "ato de in-tencionalidade", um ato de significação que, para Husserl, define a essência dos atos humanos (BOSI, 1988). Um caminhar pela representação imagética e simbólica das águas no sentido de despertar em cada um de nós a alegria de viver e de lutar por um mundo melhor, mais amoroso e solidário. Onde a educação, a arte e cultura possam (con)fluir no campo da geografia (GRATÃO, 2002).

PRELÚDIO 2 – HISTÓRIA DOS RIOS – O MUNDO DAS ÁGUAS

No contemplar o horizonte da cidade pelos 'olhos das águas', é importante vislumbrar um pouco a história dos rios – o surgimento das cidades a partir dos rios. Pelo *mundo das águas* - Fontes de vida como o Nilo, ou consolo na hora derradeira como o Ganges, desafio permanente ao homem como o Mississipi e o Yang-tsé, baluartes contra invasões como o Danúbio e o Volga, parcialmente envolvidos ainda em mistério como os portentosos Amazonas e Congo, os grandes rios do mundo fazem parte essencial da história da humanidade. A história dos rios é uma rede de conexões e (con)fluências. Uma 'arquitetura' próxima daquela desenvolvida pelas (suas) histórias da cidade. Conexões que fazem do passado uma espécie de 'rede arterial vital' do presente. Uma artéria que traz (hoje) em seu interior marcas de enfermidades que não mais acalantam o desejo de uma fonte de vida. Água é vida.

O *prelúdio de história* é composto por muitas vozes. Lucien Febvre, em "O Reno – história, mitos e realidades" – segundo Jacques Le Goff, "obra-prima de geografia histórica",

revela um rio que vai além das (suas) condições hidrológicas, seguido por um (per)curso experiencial e existencial. Mais que um rio, o Reno foi sempre um complexo de engrenagens: políticas, econômicas e culturais [...]. Diante da idéia dos *slogans* fáceis, especialmente o do mito barresiano de um 'gênio do Reno' que deveria ser anexado à França, Febvre defende efetivamente a idéia, hoje quase banal, mas iconoclasta na época, de um Reno 'traço de união' – rio europeu, ligando povos e culturas (FEBVRE, 2000, p. 7-10).

Outra revelação encontra-se como um dos pontos de vista para o esboço do projeto do livro, em fragmento de uma carta: 4^o *As cidades do Reno*. "Essa idéia significa para mim algo de pitoresco e vivo – que, evidentemente, não seria econômico nem histórico, mas antes um desfile dessas cidades, tão numerosas que formam uma rua, sua descrição material, sua vida na medida em que depende do Reno" (FEBVRE, 2000, p. 15 e 16).

Febvre, depois de participar de um cruzeiro, revela: "Contemplar o Reno e suas margens a partir do rio, passar diante das falésias, dos castelos e das cidades e aproximar-se pouco a pouco do mar do Norte, de seus odores, seus ruídos e daquele 'céu holandês' cinza-azulado, foi descobrir uma perspectiva nova e excepcional". Durante a viagem, Lucien Febvre visitou a região do Ruhr pela primeira e única vez: "ela é charmosa no sul, com suas paisagens extremamente pitorescas, poderosa no norte, mas feia em Essen – inquietante em Duisburgo e Ruhrort, onde dormimos" (FEBVRE, 2000, p. 18).

Essa inquietação característica prevalece também no resumo de sua viagem: "A impressão de uma turnê semelhante é muito forte. Podemos ver o Reno viver, podemos vê-lo mudar de ritmo e de espaço, podemos vê-lo animar com uma potência irresistível algumas das mais belas paisagens industriais do mundo" (FEBVRE, 2000, p. 18).

Febvre utilizou a noção de "ponto de apoio" para definir o ambiente em que o homem se estabelece. Nesse sentido, constituem-se pontos de apoio as planícies aluviais por onde correm os rios, as montanhas onde eles nascem e as costas onde desembocam no mar, ou seja, os ambientes naturais, habitáveis ou não, mais ou menos acolhedores ou hostis, que atraíram o homem e onde este construiu sua história com maior êxito. Na Europa, é notória a vinculação do seu desenvolvimento histórico com seus rios, mesmo que pequenos: o Tibre, o Reno, o Sena, o Tâmesa, O Volga e o Danúbio. Todos eles são grandes marcos territoriais, sendo referência cultural, histórica, psicológica e sentimental da maior importância para os povos que em suas margens viveram e dele beberam suas águas.

O SENTIDO DO RIO – NO 'OLHAR' A CIDADE HOJE

A partir da "obra-prima" de revelações do sentido do rio nas suas relações com a cidade, transportamo-nos da Europa para o Brasil – o país das águas. Aqui, encontramos o Rio Guaíba na cidade de Porto Alegre, pela pesquisa de Lineu Castelo sobre a percepção do rio, realizada sob sua coordenação e que fez parte do importante programa MAB (*Man and Biosphere*) da UNESCO, cujo objetivo era o estudo das relações entre populações e meio ambiente em diversas cidades do mundo. Castelo discute a evolução e a diversidade das relações do centro de Porto Alegre e sua população com o Rio Guaíba, sua importância na formação de imagens da cidade e as expectativas da população quanto à recuperação de sua acessibilidade.

Uma das questões iniciais formuladas visou detectar a percepção da importância do rio na evolução da cidade. Mais do que produzir meras satisfações, a água costuma ser responsável por um amálgama de experiências sensoriais que envolvem os cinco sentidos, afirma Castelo (1996, p. 28). A água na verdade, constitui num dos mais poderosos recursos do mundo da simbologia (DÉFERT, 1972; ELIADE, 1991) e, particularmente, da psicologia. "Evidentemente, não se aborda a cidade de um lado e o rio do outro: rio e cidade interagem, integram-se, como o homem, o meio natural e o meio construído" (CASTELO, 1996, p. 28).

A pesquisa do Rio Guaíba aponta o sentido que tem o rio na cidade, revelando o seu *sentido de lugar*. Como conclui Castelo (1996, p. 37): "É neste sentido que se torna estimulante a convergência do enfoque morfológico-funcional com o perceptivo e o experiencial: comportamento e espaço se aproximam para apontar valores comuns e explicitar o sentido de um lugar".

Nesta direção, uma investigação pelo "*O Rio*" – ARAGUAIA! (GRATÃO, 2002) na busca do relacionamento de populações ribeirinhas, que mesmo não se tratando diretamente da cidade, conduz para a compreensão e entendimento do relacionamento dos homens com o rio. Ou seja, o *sentido* que tem o rio no *sentido da vida*. "*O Rio*" como manifestação do meio ambiente, das relações sociais, da relação do sujeito com o tempo, com o corpo, com a vida e com a morte. "*O Rio*" que expressa a relação dos fenômenos da natureza (natureza física e natureza humana); que expressa a relação de si com o outro; de si com a bacia hidrográfica; de si com o meio ambiente. "*O Rio*" que expressa a realidade objetiva e subjetiva do homem e da natureza; expressa ao mesmo tempo, a ausência de culto à Natureza e sua destruição; expressa ao mesmo tempo, a ausência e a necessidade da solidariedade entre Homem e Natureza, solidariedade entre os homens! "*O Rio*" que expressa a vida e a morte! As relações humanas estão progressivamente, se deteriorando, se distanciando da sua própria natureza e as suas manifestações estão expressas nas suas relações com o meio ambiente (GRATÃO,

2002, p. 11). Essas manifestações encontram-se expressas e impressas nas cidades, como arte e construção humana.

Por esse 'olhar', procura-se alertar que o meio ambiente é o resultado da produção humana, do trabalho humano em todos os seus domínios. O homem submete e explora o próprio homem transformando a natureza em recursos e, a sua própria natureza. A relação de produção faz os homens donos da Terra. "A natureza passa a ser considerada com um objeto, uma mercadoria; uma fonte de riqueza" (GRATÃO, 2002, p. 11). Nesse processo, são cortados os laços naturais e culturais com a Terra. Mais uma vez, é esse o mesmo processo que determina as formas de relacionamento e de vida nas cidades. Então, é esse o mesmo tratamento que queremos para as águas? Os rios? É esta a cidade que queremos – 'ver' – pelos 'olhos das águas'?

*Envenenam tudo, até o próprio amor
Será que eles não percebem
Que a natureza pede pra viver
Enquanto vai morrendo o rio
Nada em sua volta poderá nascer*

César Augusto e Mário Marcos

Viajando "O RIO" – ARAGUAIA! chegando ao maior Pólo Turístico de Goiás, Gratão (2002) revela que encontra um outro (*per*)curso... mais rápido e mais intenso orientado pelo *fluxo do turismo*. As praias se expõem e se estendem pelas margens do Mato Grosso seduzindo os turistas a fazer a *travessia*... em barcos a motor e voadeiras em altas velocidades. "O Rio" acorda bem cedo e só descansa às altas horas da noite! Às vezes nem "dorme", dependendo do *fluxo de turistas* que chegam "incansáveis" acordando "O Rio", tirando-o do seu sono tranquilo, que guarda e renova todos seus seres aquáticos, "naturais e sobrenaturais". O ruído dos motores das múltiplas embarcações deve deixá-lo profundamente estressado! (GRATÃO, 2002, p. 135-136). Até mesmo suas águas em repouso para receber os raios prateados da lua cheia que tanto encantam os turistas, poetas e cantam os músicos:

*Noite de luar
Pra poder sonhar
Uma estrela e um pedaço de mim
Meu Araguaia poesia do Sertão*

Rinaldo Barra e Luiz Junqueira

Na pesquisa sobre o estudo de paisagem valorizada, Bley (1996) afirma que o rio é o componente mais fortemente percebido na paisagem e, isto muito provavelmente, aconteceu dada a sua função histórica, referindo-se ao Nhundiaquara.

Como via navegável, era por excelência o eixo econômico de Morretes. A cidade voltava-se para ele. Quando ele deixou de ser navegável, a cidade deu-lhe as costas. As edificações da margem direita dão os fundos para o rio e fachada para uma estreita rua. O rio parecia ter perdido todo o valor na paisagem vivida. Mas o melhor testemunho do valor da paisagem é um fato recente, mas já acentuado. Começaram a surgir, na margem esquerda do rio, residências de alto padrão. Escolheram áreas à margem do rio, assim demonstrando o valor que atribuem à paisagem (BLEY, 1996, p. 138).

Nessa linha de abordagem, Amorim Filho (1996) alerta que os intelectuais interessados nos lugares e nas paisagens valorizados não pretendem produzir uma simples divaga-

ção poética sobre eles. O que está em questão são os sentimentos de indiferença, de afeição ou de aversão do homem pelos lugares com os quais tem alguma forma de contato. É com base nesses estudos que se desenvolvem atualmente novos conceitos e novas categorias, fundamentais para melhor compreensão das relações que os Homens mantêm com o mundo que os envolve. Entre esses conceitos, encontram-se os de topofilia, topofobia, topocídio e topo-reabilitação (este último ainda não utilizado na literatura geográfica corrente) (AMORIM FILHO, 1996, p. 141). Se o conceito de topofilia pressupõe a afetividade humana, admite-se que o reino por excelência do exercício do sentimento topofílico são os lugares valorizados. É claro que o mesmo é válido para o sentimento contrário à topofilia, ou seja, o que pode ser definido como topofobia e que conduz à noção de "paisagem do medo" (TUAN, 2005). Amorim Filho afirma que ambos os conceitos devem ser explorados nos estudos de percepção ambiental, e que o uso desses conceitos aplicados à questão ambiental e ao planejamento – mesmo que ainda incipientes – acabou por incentivar a criação de novas categorias de noções aparentadas àquelas já referidas. Entre elas, está o conceito de "topocídio que, proposto pelo geógrafo britânico Porteous (1988) evidentemente, inspirado no de topofilia de Tuan, significa aniquilação deliberada de lugares" (AMORIM FILHO, 1996, p. 142).

Segundo Amorim Filho, ao estudar as transformações sofridas por uma cidade portuária inglesa, cujas áreas residenciais estavam sendo destruídas em favor da ampliação dos usos industriais, Porteous observou que "uma das maiores faltas comuns às elites do poder envolvidas no topocídio de Howdendyke é sua lamentável omissão em consultar a população impactada" (apud AMORIM FILHO, 1996, p.142), tornando o conceito de topocídio fundamental para a manutenção do meio ambiente. Por isso, aqui, está sendo contemplado pelo 'olhar' a cidade pelos 'olhos' das águas. A cidade como um lugar que, além dos sentimentos de afeição e de admiração inspira, igualmente, fortes sentimentos topofóbicos – paisagens do medo. Para Tuan (2005, p.12)

'Paisagens do medo' diz respeito tanto aos estados psicológicos como ao meio ambiente real. [...] São fantasmas, bruxas, assassinos, assaltantes, estranhos e agourentos, que assombram nossas paisagens, transformando o campo, as ruas das cidades, o pátio da escola – planejados para o desenvolvimento das pessoas – em lugares amedrontadores. [...] Paradoxalmente, é na grande cidade – o símbolo mais visível da racionalidade e triunfo humano sobre a natureza – que permanecem alguns dos velhos medos. O crescimento urbano desordenado, por exemplo, é visto como uma selva, um caos de edifícios, ruas e movimentos rápidos de veículos que desorientam e assustam os recém-chegados. Certos bairros são evitados por serem povoados por criminosos e bandos de adolescentes" (TUAN, 2005, p.12-16).

Nas cidades, muitos rios, córregos e lagos são também, evitados por serem povoados por criminosos – da poluição. Muitas pessoas não têm acesso às "águas urbanas", não só para matar a sede, tomar banhos, praticar pesca ou ser palco das brincadeiras de crianças, – águas de beber, águas de banhar, águas de benzer – mas também, para contemplá-las sentadas ou caminhando pelas suas margens. Pois, o cheiro da poluição contamina não só os lençóis de água, mas impregna o ar que as circunda e as envolve. A cidade suja suas águas, contamina o seu ar e compromete a (sua) saúde da população e do seu meio ambiente. Nesse processo, o homem transforma sua obra de criação do humano em processo de degradação ambiental. Nessa perspectiva, as mesmas águas que atraíram o surgimento das cidades, são as mesmas que amedrontam as suas populações. Quantas vezes ouvimos uma criança dizer que gostaria de "tomar banho nesse rio" ou "você vieram salvar o rio?". "Ele está morto!". Ou um pescador com olhos de tristeza, clamando que "não tem peixe pra levar pra casa hoje". Por esse sentido, uma investigação sobre "a paisagem do medo das águas" mereceria ser realizada para entender melhor a condição existencial das águas, dos homens e seu destino (DARDEL, 1952).

Tuan (2005) inicia o capítulo “Medo na cidade”, declarando que a cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais. Uma função primeira e essencial da cidade foi ser um símbolo vivo da ordem cósmica: por isso seu padrão geométrico era simples, com muralhas e ruas freqüentemente orientadas pelos pontos cardeais, o mesmo acontecendo com seus imponentes monumentos (TUAN, 2005, p. 231).

Quais são os pontos que orientam as cidades de hoje? Fica aí, uma reflexão para os ‘estudiosos de cidade’ do ponto de vista da sua função – e destino. Assim, os *prelúdios de história e o do sentido do rio na cidade no ‘olhar’ de hoje* é composto por muitas vozes. Ao longo dessa “veia de história” e do ‘olhar’ de hoje, muitos outros personagens apareceriam para ampliar a rede de conexões e contemplar novos ‘olhares’. É isso que confere um sentido importante aos ‘prelúdios’. Isso se torna mais “visível” quando se observa que a “história” e o “olhar de hoje” unem as pontes existenciais entre o historiador do Reno e outros viajantes existenciais pelas imagéticas águas da geografia na procura incessante de entender essas águas, vivendo suas existências intimamente ligadas através de um “obscuro sentido” da origem da terra natal.

O LUGAR DA ÁGUA NA CIDADE – A CIDADE COMO EXTENSÃO DA ‘CASA’

A imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa, revela Gaston Bachelard em “A Poética do Espaço”, que para um estudo fenomenológico dos valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um *ser* privilegiado; isso é claro, desde que a consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhes os aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto. É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição para atingir as “virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar” (BACHELARD, 1988, p. 24).

Essa transcrição faz sentido quando se considera a cidade aqui contemplada, como extensão da ‘casa’ no sentido do habitar. É preciso dizer, como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?” (BACHELARD, 1988, p. 24).

Faz sentido também aqui, recuperar Tuan. Como lar, o lugar ocupa uma posição central na obra de Tuan, para quem a sagração do lugar não refere tão-somente ao mundo sagrado ou “a uma limitada área pertinente aos deuses” (TUAN apud MELLO, 2001, p. 93), uma vez que o lugar, como um santuário, exige respeito e estima, convertendo-se em lar, consagrado pelo povo.

Mas o que é o lar? Tuan (1983) inicia uma de suas obras com esta indagação, para logo oferecer a resposta: é a velha casa, o bairro, a cidade ou a pátria. A cidade é, para ele, a “conquista suprema da raça humana, arquitetonicamente e como um sistema social” (TUAN apud MELLO, 2001, p. 95 e 96). Tuan quando fala da cidade ideal, lembra do interesse da cidade tanto por representar um ideal humano e ambiental, como por ser um meio ambiente. Em uma outra de suas obras já alertara que

A origem da cidade é um assunto complexo que aqui não podemos explorar. Mas, o assunto não pode ser totalmente deixado de lado, porque o que considerarmos a natureza primitiva da cidade vai

influenciar a nossa avaliação da sua importância como um ideal. Por exemplo, se a interpretação econômica é aceita sem restrições, ficaremos sem argumentos para explicar o poder da cidade em inspirar respeito e lealdade (TUAN, 1980, p.173).

Nesse mesmo texto, Tuan trata sobre os símbolos do cosmo e as formas urbanas lembrando que como um símbolo do cosmo, a cidade adota uma forma geométrica regular, do círculo, do quadrado, do retângulo ou de qualquer outro polígono.

Seguindo por essa abordagem, como contextualizar a água nesse espaço simbólico da cidade? A água como um "símbolo urbano"? Encontrei em Tuan que um "símbolo urbano pode ser uma estrutura funcional como uma ponte, uma construção não utilitária como o arco de São Luís ou um pedaço de terra como o Boston Common. A ponte é ao mesmo tempo um fato utilitário e um símbolo de conexão ou de transição de um lugar para outro, de um mundo para outro" (TUAN, 1980, p. 230). Tuan lembra que das pontes americanas, talvez a melhor conhecida seja a ponte de Brooklyn e a inscreve de forma especial nesse texto.

Ainda seguindo por esse simbolismo, Tuan trata da questão dos cognomes de cidades como promoção de imagem, dizendo que "o orgulho cívico e a concorrência econômica frequentemente associam-se para atribuir rótulo às cidades (cognomes ou epítetos) que visam captar o que têm de incomparável. O cognome pode complementar o símbolo visual" (TUAN, 1980, p. 232). Para ele os ambientes geográficos são reconhecidos sob o rótulo de urbano se são característicos e atrativos. Para um lugar pequeno como Calsbad, no Novo México, as cavernas calcáreas são o seu único título para a fama: é a Cidade Caverna. Para os lugares grandes, o atributo topográfico tem pouca importância. Algumas cidades reconhecem a presença de "colina", "lago", "escarpa" ou "montanha". Se, porém, o ambiente geográfico parece indesejável, é ignorado (TUAN, 1980, p. 234). No Brasil, muitos são os cognomes: Circuito das Águas, Cidade dos Vales, Cachoeiras, Cavernas e a Cidade Maravilhosa como promoção da indústria do turismo.

O promocionismo alerta Tuan, pretende criar uma imagem. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos que desejam chamar a atenção do público. Um epíteto ou uma frase atraente fornece a imagem. Diferentes em abordagem, mas não em propósito, são as tentativas para captar o caráter de um lugar através de uma cena específica ou de uma fotografia. Os cartões postais descrevem aspectos da cidade que são aceitos como favorecendo-a. Ocasionalmente uma cena típica de uma rua é mostrada, mas na maioria das vezes os cartões acentuam os pontos de interesse – as partes que captam a atenção, têm muita imaginabilidade (TUAN, 1980, p. 236). Muitas cidades 'vendem' suas imagens expressas/impressas em cartões postais. Muitos trazem as águas como "ambientes geográficos valorizados" ou como "paisagens valorizadas" - da Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte; Lagoa de Lucena, em João Pessoa; Lagoa do Taquaral, em Campinas; Lago Paranoá, em Brasília; Lago Igapó, em Londrina; Lago de Itaipu, em Foz do Iguaçu.

Por esse 'olhar', as águas ocupam *lugar* importante na promoção da imagem de uma cidade. Lynch (1997), no seu livro "A imagem da cidade", estudou três cidades norte-americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles. Sobre as percepções dos moradores, o estudo revelou uma imagem bastante interessante de Boston. Para a maioria das pessoas entrevistadas, ela é uma cidade histórica, relativamente suja, com lugares característicos, prédios de tijolo vermelho e travessas tortuosas e confusas. As cenas preferidas, geralmente, são as paisagens mais distantes que dão uma sensação de água e de espaço. Os residentes conhecem bem a estrutura espacial ampla de Boston graças às margens bem definidas do rio Charles. Além das margens do rio a cidade parece perder a nitidez. A rede regular de Back Bay, um padrão muito comum das cidades americanas, adquire maior visibilidade em Boston, pelo contraste com a rede irregular de outras partes da cidade. Os lugares que impressionam a maioria das pessoas como especialmente nítidos, são: o Common, Beacon, o rio Charles e a Commonwealth Avenue. Para muitos, eles constituem a *core* da sua imagem do centro de Boston.

Diante desta perspectiva, temos realizado pesquisas sobre o imaginário e a percepção da paisagem urbana de Londrina. Nesse caminhar pela paisagem da cidade, encontramos paisagens altamente agradáveis e valorizadas, tendo a paisagem das águas um destaque especial, sendo sempre citadas pelos personagens da cidade (BATISTA, 1995). O Lago Igapó é uma dessas imagens muito valorizada pelos moradores e sempre contemplada pelos visitantes. O trilhar por ele, acompanhando seu curso e buscando o envolvimento do lugar, têm revelado a natureza deste vínculo das águas com a cidade. Tanto do ponto de vista do zelo e da afetividade vivida pelos caminhantes (FERNANDEZ, 2004), quanto na ligação de uma verdadeira geografia íntima revelada na memória e na experiência do Lago como *lugar*, ligando a perspectiva subjetiva com o símbolo cultural que esta paisagem das águas representa. (TOMAZI, 2004). São imagens muito presentes no 'olhar' Londrina pelos 'olhos' das águas, que também se revelam em outras cidades em suas especificidades, fazendo parte do próprio imaginário urbano.

Diante desse universo de "revelações" frente aos "corpos hídricos" através dessas imagens do Lago Igapó o que nos é revelado é o relacionamento topofílico com a água. Mais ainda, o papel da água na formação e promoção de imagem da cidade. Uma geograficidade topofílica com as águas, nascida do profundo vínculo afetivo com elas. Um sentimento de *hidrofilia* – (GRATÃO, 2002). Assim, confirma-se a proposição de Bley (1996) de que estamos rodeados por objetos que não foram feitos por nós e que têm uma vida e estrutura diferente da nossa: rios, montanhas, colinas, árvores e flores; e, também, por objetos que são criações do homem, construídos ao longo do tempo. Esses objetos não são formados apenas de volumes, mas de movimentos, cores, odores e sons. Desde séculos eles nos inspiram curiosidade e respeito e, na maioria das vezes, sua composição ou arranjo nos têm sido motivo de prazer. Temo-los recriados em nossa imaginação e pensado neles como elementos de uma idéia, a que chamamos de paisagem. "Nossa tarefa é ultrapassar a paisagem como aspecto visual para chegar ao seu significado e valor" (BLEY, 1996, p.122).

É esse o propósito deste ensaio: pelos 'olhos' da águas percorrer o campo de estudos sobre a percepção e avaliação de paisagens. Enquanto cenário do mundo vivido, a paisagem da água vislumbra horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente, da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes do ser humano com seu espaço vivido. Na linha desse horizonte, anuncia-se que a cidade pode ser apreendida, compreendida e captada pelos "olhos" das águas. Paisagens emergem de uma única paisagem; horizontes são revelados a cada novo olhar ou reflexão; a cada momento, em que um outro caminho a ser trilhado surge cenários e dimensões diferentes. Como sugere Hart, "a maior parte de uma boa geografia começa pelo *olhar*" (apud DICKENSON; AMORIM FILHO, 1996, p. 24). Aqui, essa geografia é contemplada pelo '*olhar*' a cidade pelos '*olhos*' das águas.

A CIDADE NO REINO DAS ÁGUAS – IMAGINÁRIO DE VENEZA E OUTROS

Quem nunca "viajou" pelo imaginário das águas de Veneza? Uma cidade permeada por canais e circulada por gôndolas? "Cidade enamorada de suas antigas glórias, Veneza evoca o passado em sua própria arquitetura: o cinema não hesita em recorrer à sua imagem para reconstituições dramáticas, privilegiando, contudo, alguns temas específicos" (NAZARIO, 2005, p. 126). Como se encontram suas águas?

Rios, lagos, lagoas, canais são imagens que embelezam uma cidade. Ou não. Águas, quando limpas, puras, transparentes encantam os olhos de quem as contemplam. Quando sujas, impuras, poluídas denunciam o desrespeito dos homens com elas. Limpas, manifestam o amor, a vida. Sujas, expressam a dor, a morte. Água, fonte de vida, como o sangue, que é simbolicamente, vida, é também, morte. Por essa natureza, a imagem da

água pode expressar a qualidade na cidade. Água que corre em canais fluviais - não entre margens e leito de concreto ou por tubulações. Pela água se visualiza e percebe-se a qualidade de vida de uma cidade. No espelho d' água contempla a vida. Cidade espelho d' água. Pela água, uma cidade pode se transformar em lugar com baixa qualidade de vida. A água anuncia e denuncia. Água que reflete a cidade é a mesma água que espelha a cidade. Por isso, a cidade no espelho d' água é uma imagem para conduzir a experiência humana para a sua essência na direção da qualidade de vida. Cidade e água, uma só paisagem. Água e qualidade de vida, uma só imagem. Na percepção da qualidade de vida, a água seria um indicador de qualidade ambiental? Como avaliar essa qualidade?

Mais uma vez, é Bachelard (1989) que desperta-nos o olhar para o reino da imaginação pelo signo dos *elementos materiais*, revelando-nos que

as imagens da água, nós as vivemos ainda, vivemo-las sinteticamente em sua complexidade primordial, dando-lhes muitas vezes a nossa adesão irracional. Assim se criam em nós os *mistérios familiares*, que se designam em *raros símbolos*. Foi perto da água e de suas flores que melhor compreendi ser o devaneio um universo em emanção, um alento odorante que se evola das coisas pela mediação de um sonhador. [...] Se quero estudar a vida das imagens da água, preciso portanto, devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal. Nasci numa região de riachos e rios. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água. Não posso sentir perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa (BACHELARD, 1989, p. 8 e 9)

Não é preciso que seja o riacho da *nossa cidade*, a água da *nossa cidade*.

Mas, o que é água? O Dicionário de Símbolos traz oito páginas de orientação de significados para a palavra "Água". "As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio para purificação, centro de regenerescência. Esses três temas se encontram nas mais antigas tradições e formam as mais variadas combinações imaginárias – e as mais coerentes também" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 15).

Bruni (1993), propõe um desafio para compreendê-la a partir do texto "A água e a vida". Tales de Mileto, o primeiro filósofo, da antiga Grécia do século VI a.C., afirmava que 'tudo é água'. A interpretação da frase que se encontra nos livros da filosofia, segundo Bruni (1993, p. 53), aponta para o contexto do surgimento de uma filosofia da natureza, sendo preocupação dos primeiros filósofos a determinação de uma substância material primordial, concebida como princípio, origem e matriz de todas as coisas. Para Tales, essa substância, a *physis*, seria a água, e todos os seres existentes seriam, essencialmente, produto da transformação da água ou água transformada.

'Tudo é água'! Mas, o que isso quer dizer? Seguindo com Bruni:

Sigamos o conselho de tantos pensadores do passado: procuremos observar o que ocorre de mais simples sob nossos olhos, bem perto, no nosso dia-dia. Por mais superficial que seja uma descrição das nossas atividades diárias é impossível deixar de notar a presença constante do elemento água especialmente nos cuidados diários com nosso próprio corpo e nos afazeres domésticos comuns (BRUNI, 1993, p. 54).

Com esse conselho, façamos um passeio pelas cidades para observar o que ocorre de mais simples sob nossos olhos. Caminhar e contemplar a cidade pelos 'olhos' das águas, seguindo pelos (per)curso da imaginação geográfica (PRINCE, 1961; 1971; LOWENTHAL, 1982).

A água é essencial para a vida. A civilização é, em parte, um diálogo entre o homem e a água, já revelara as civilizações antigas e orientais. A vivência e percepção são um 'instrumento' para declarar a qualidade de vida de uma cidade – espaço. A qualidade de vida está impressa nas imagens (imaginário e imaginação), que revelam a ação, os sentimentos, o amor, as intenções, as intencionalidades – na pureza e na impureza das águas urbanas. Imagens que falam. A crítica social da cidade é feita também através de imagens. As águas falam. As águas fazem a crítica social. Pelos 'olhos' das águas observa-se, percebe-se, estrutura-se uma cidade. 'Olhar' que se envolve e deslumbra a paisagem das águas – (puras; poluídas). Pé que pisa e percorre ruas (largas; estreitas), calçadas (quebradas, edificadas). Esses dois 'instrumentos' de percepção revelam o estado de ser de uma cidade – cheiros, sons, cores, sabores, saberes; dores, amores. O cheiro das águas; o cheiro das árvores; o cheiro das lembranças; a infância. O mesmo 'olhar' de encantamento é o 'olhar' que denuncia! Águas de significados múltiplos (CUNHA, 2000). Águas como imagens (DIEGUES, 2000) que exercem atração sobre o ser humano, fonte inesgotável de simbologias e representações mentais.

Vislumbrando esse horizonte de investigação, a qualidade de vida passa pela representação imagética e simbólica. Águas que emergem com suas múltiplas manifestações – religiosas, sociais e culturais – diante da construção da cidade – *mundo* – um enfoque geográfico cultural-humanista. Nessa direção, a cidade como objeto de investigação é focada – 'olhada' – sob um "conjunto de imagens" e não como "unidade estatística e espacial". A abordagem perceptiva da paisagem permite o resgate das qualidades visuais que poderiam despertar enfoques cognitivos no tocante à organização do espaço urbano, se interessando pelo modo como os indivíduos percebem e tomam decisões a respeito da cidade.

Não só através do cálculo de índices, como se obtém o Índice de Desenvolvimento Econômico (PIB) – Produto Interno Bruto – ou mesmo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), deve-se avaliar a água na acepção de qualidade. A água é um elemento fundante para a existência do ser; é fundamental no surgimento, na criação e construção da cidade. Essas afirmações se referem quando do resgate da importância da água para a vida ou no planeta – patrimônio natural – vital! Água que deu a vida – explosão da vida! Água que faz 'criar' a cidade. Se o tráfico urbano é um meio para revelar o comportamento face ao espaço, então, a água também deve ser (é) um meio – indicador – para revelar a qualidade de vida na cidade.

Como definir qualidade ambiental? Pergunta Livia de Oliveira no seu trabalho sobre a percepção da qualidade ambiental, originalmente desenvolvido no início dos anos de 1980 e republicado recentemente (OLIVEIRA, 2002). Ela mesma responde: "Essa é uma expressão de uso corrente e de difícil definição. Todos reconhecem que deve haver um mínimo de boa qualidade em um meio ambiente para o ser humano sobreviver" (OLIVEIRA, 2002, p. 43). Mas o que é boa qualidade ambiental? Como determinar a qualidade? Pergunta novamente Oliveira, respondendo que "a avaliação da qualidade ambiental se depara com a dificuldade de avaliar qualidades como beleza de cenário, ar fresco, ar puro, barulho, fumaça, congestionamento, riqueza, pobreza, água pura, odores etc." (OLIVEIRA, 2002, p. 45). São elementos fundamentais nos estudos de percepção do meio ambiente.

Selene Herculano no estudo sobre a qualidade de vida e seus indicadores, levanta a seguinte questão: Mas seria a qualidade de vida algo mesmo por demais subjetivo para que pudesse se constituir em objeto de estudo? (HERCULANO, 1998, p. 79). Decorrendo sobre o tema para chegar ao que a autora aponta como propondo novos indicadores, afirma: "Como vimos, os indicadores constituem informações condensadas, simplificadas, quantificadas, que facilitam a comunicação, comparações e o processo de decisão. Os indicadores sociais propõem-se, ainda, a ser um incentivo para a mobilização da sociedade a fim de pressionar os que tomam as decisões" (HERCULANO, 1998, p. 87). A autora alerta:

Quem estuda a temática do desenvolvimento já conhece bem o debate sobre a ineficácia dos indicadores tradicionalmente usados

na tentativa de mensurá-lo, sendo a maior crítica a que aponta a ineficácia de se quantificar o PIB *per capita* sem se ter o pulso da real distribuição de renda. Em 1990, a ONU dando-se conta do caráter restritivo do PIB, deu início à medição de um desenvolvimento com rosto humano, através do IDH (HERCULANO, 1998, p. 87).

Seguindo ainda Herculano, foi no final da década de 1980 que os indicadores ambientais começaram a ser estudados. Como ela mesma diz, trata-se de uma temática sobremodo recente. É importante anotar o que, segundo sua investigação, os indicadores ambientais são modelos que descrevem as formas de interação das atividades humanas com o meio ambiente, entendido este como: fonte de recursos; depósito de rejeitos; suporte da vida e da biodiversidade. Os indicadores ambientais podem se referir: 1) ao estado físico ou biológico do mundo natural (indicadores de estado); 2) às pressões das atividades humanas que causam modificações destes estados (indicadores de pressão); 3) indicadores das medidas da política adotada como resposta a estas pressões, na busca da melhora do meio ambiente ou da mitigação da degradação (indicadores de resposta). (HERCULANO, 1998, p. 88)

Decorrendo sobre esta questão, alcança o que vem sendo apresentado nos dias de hoje, em torno dos indicadores de sustentabilidade, tendo como referência Cobb, enfatizando que não bastaria simplesmente planejar, projetar novos indicadores para medir sustentabilidade, mas desenvolver uma estratégia de oposição à mitologia do poder que dá credibilidade ao PIB. "Assim, em lugar do PIB, Cobb propõe o *indicador de progresso genuíno* (IPG), a ser expresso em termos monetários. Trata-se da proposta de uma medida integrada que venha combinar uma variedade de valores sociais e ecológicos em um único número, medido anualmente em termos monetários" (HERCULANO, 1998, p. 91).

Todavia, mesmo indicadores como o IPG proposto, serão insatisfatórios para descrever o nível de bem-estar de uma população se não nos informarem sobre as disparidades espaciais e de classes internas em cada país. Diante dessas alertas surgem propostas para um Índice de Qualidade de Vida – (IQV), considerando que ambos os índices – PIB e IDH – não respondem aos níveis de qualidade de vida.

Nem mesmo as variáveis do IDH incorporam a dimensão ambiental: as pessoas podem ter boa escolaridade, longa expectativa de vida, acesso às riquezas geradas, mas morarem e trabalharem em locais poluídos, sujeitos a riscos, conviverem com águas sujas, respirarem poluentes e habitarem compactamente selvas de pedra deprimentes, onde as cores predominantes sejam tons de cinza do cimento e do asfalto (HERCULANO, 1998, p. 92).

Águas turvas, manchadas de óleo, tingidas de mercúrio, mau-cheirosas, sem poder bebê-las ou banhar-se. Águas contaminadas, doentes, agonizantes, mortas! Sem vida!

O real bem-estar tem de envolver também aspectos ambientais. Da mesma forma que não se pode considerar que tenha uma vida de qualidade uma pessoa que viva em cenários idílicos e hígidos, mas sem acesso à educação, aos serviços de saúde e à tecnologia contemporânea, tampouco pode ser bom ter tudo isso se não se tem um ambiente natural e saudável em torno, clama Herculano (1998, p. 92). Aqui, cabe nossa intervenção e indignação: Do que adianta transformar o vale de um córrego poluído em Lago? Se a população não pode ter acesso a essas águas? Até mesmo caminhar pelas suas margens, se o odor das águas encontra-se impregnado no ar que as envolvem? Ou mesmo, se estas águas não podem ser contempladas ou saboreadas no ir-e-vir das pessoas?

O conceito de qualidade de vida é proposto como um conceito no qual a questão ambiental se agregue aos demais itens hoje mensurados pelo IDH. Que a "qualidade de vida" seja definida como a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para que estes possam realizar suas potencialidades: inclui a acessibilidade à produção e ao consumo, aos

meios para produzir cultura, ciência e arte, bem como pressupõe a existência de mecanismos de comunicação, de informação, de participação e de influência nos destinos coletivos, através da gestão territorial que assegure água e ar limpos, etc, propõe Herculano (1998, p. 92).

Por esse horizonte de investigação, a nossa expectativa é que mensurar qualidade de vida implicaria que se levasse em conta as múltiplas dimensões da água. Que não dimensionasse, somente, os seus índices de poluição e de contaminação, mas especialmente, que respeitasse os seus sentidos e significados simbólicos e imaginários. Que nesse investigar, a qualidade de vida passa pela percepção do meio ambiente. O bem-estar tem de envolver também aspectos ambientais. Não é só PIB, IDH que não contemplam aspectos ambientais. PIB não mede qualidade de vida. Qualidade de vida não é índice. Bem-estar não é índice. Água não é só índice. Água é valor – natural e humano. Patrimônio! Todos têm o direito de contemplar as águas! E que todos tenham o dever de ‘olhar’ - ‘cuidar’ as águas.

Por esse ‘olhar’ vislumbra-se que a paisagem da água pudesse compor a avaliação de qualidade de vida nas cidades, no sentido da percepção e interpretação ambiental. Que no (per)correr pela cidade, a água pudesse ser contemplada além do seu sentido utilitário para a vida, e então, que pudesse (re)cuperar na dimensão simbólica, suas significações mais profundas como fonte, purificação e regeneração da vida.

É por essa via que Bruni (1993), inquieto pelo desafio que consiste no predicado “água”, da frase “tudo é água”, nos presenteia com o belo e simbólico texto “A água e a vida”, já lembrado em outras páginas. Pela afirmação, passa a empreender o exercício de interpretação da frase. Depois da exposição dos pontos de vista do senso comum, da ciência e da filosofia sobre a utilidade da água para a vida, tenta-se recuperar, na dimensão simbólica, suas significações mais profunda como fonte, purificação e regeneração. Assim, alerta que a poluição das águas pela moderna sociedade industrial agride brutalmente não só a vida biológica como também, a vida psíquica (BRUNI, 1993, p. 53).

Pelo nosso horizonte, a cidade na sua construção deve respeitar essa qualidade da água – esse sentido da água. Se a cidade é sagrada, a água que a serve não pode ser profana. Ou será que a cidade não é sagrada? Seria então, a própria profanação da natureza? As cidades têm água. Toda a vida urbana, toda cidade, depende de um sistema de abastecimento de água e a tarefa de abastecer uma cidade é gigantesca. Em primeiro lugar a água tem de ser captada dos mananciais (lagos, rios, ou água do subsolo), em seguida tem de sofrer todo o processo de tratamento pelo qual é purificada e tornada apropriada ao consumo. Depois, passa por um sistema de distribuição e finalmente, um sistema de esgoto conduz as águas para os rios ou para o mar. Em nossas cidades, as casas têm torneira na cozinha e caixa de descarga no sanitário. Muitos são os caminhos da água na vida humana.

Desde fins do século XVIII, a água deixou, para nossa cultura, de ser um elemento, uma substância primordial, qualitativamente diferenciada, para tornar-se H_2O , ou seja, “corpo incolor, inodoro, insípido, líquido à temperatura ordinária, resultante da combinação de um volume de oxigênio e dois de hidrogênio e capaz de refratar a luz e dissolver muitos outros corpos”. Depois que a água tornou-se objeto da razão científica, passou a ser um corpo entre outros, muito importante, é certo, mas “sem alma, sem sentido, uma coisa morta” (BRUNI, 1993, p. 57). No entanto, se levarmos em consideração o papel que a água desempenha nas várias culturas humanas, nas religiões, nas cosmogonias, nos mitos, nas artes, nas literaturas, e na própria filosofia, abre-se diante de nós um outro mundo em que a água deixa de ser apenas parte fundamental da natureza externa e da vida biológica para tornar-se dimensão essencial da vida especificamente humana. Isto é, é na dimensão simbólica que a água diz respeito mais profundamente à vida e ao homem.

Pelos ‘olhos’ das águas pode-se encontrar a própria criação da cidade. Na amplitude e na profundidade desse ‘oceano’ pode-se (des)vendar grandes mistérios dessa própria criação humana. Água que manifesta vida; água de morte. Como navegar por esse

misterioso oceano ou como experienciar esse mítico reino das águas. É um grande desafio! Bendita é a água por entre a cidade. Bendita é a água por entre canos, torneiras, galerias, ruas, praças, parques, shoppings. Bendita é a água por entre rios e lagos. Bendita é a água de beber, de banhar, de benzer. A água é tudo! "Tudo é água"! Água é vida!

Bruni vem contemplar o nosso horizonte com a conclusão do seu texto.

Ora, as condições de existência das grandes cidades modernas – mas não só aí –, tendem a destruir aquelas características naturais da água. Tem sido bastante denunciado que a poluição de rios, lagos e praias, destrói diretamente a vida dos seres que vivem nessas águas, e indiretamente compromete as condições de vida biológica dos homens. A essa lista de efeitos destrutivos da poluição das águas deveria ser acrescentado o enorme malefício que a moderna sociedade industrial introduz na dimensão simbólica, danificando, talvez de maneira irreparável, o rico patrimônio psíquico que o imaginário da água tem produzido ao longo da história da humanidade (BRUNI, 1993, p. 64).

Para perceber alguma coisa, deve-se primeiro ter consciência dela. Assim, a água, o rio passa da consciência à percepção. Uma abordagem que trabalha com "atitudes, sentimentos (afetos) e crenças (cognição) que predispõe um indivíduo a reagir de uma certa maneira ao objeto desses afetos e cognições". Assim se justifica um estudo que focaliza o relacionamento do homem e seu meio ambiente (TUAN, 1980). A perspectiva humanista de espaço e lugar (TUAN, 1983) será enfatizada, na medida em que ela assume que a compreensão de espaço e lugar é fundamental para o geógrafo interessado com a relação do homem e do seu meio ambiente.

Como semente da vida, a água precisa ser cuidada, regada. O processo de construção, de planejamento e de gestão de uma cidade precisa voltar o seu 'olhar' para a água, como expressão do relacionamento dos homens com a (sua) natureza. Não é só o crescimento vertical – econômico - que sustenta esse lugar e sua paisagem. A água está sempre presente/onipresente nas torneiras, nas galerias pluviais, nos canais de descargas sanitários, na rede hidráulica. É um elemento hidrológico, mas, também social, cultural, místico, mítico, religioso. Ela está no pote, na banheira e na pia batismal.

A água como o germe da vida, contaminada não gera vida; gera doenças; pode gerar morte. A cidade moderna vem sofrendo com essa enfermidade. Os seus rios estão doentes; gerando doenças; muitos encontram-se em estados agonizantes: Tietê, em São Paulo; Iguaçu, em Curitiba; Meia Ponte, em Goiânia e muitos outros. Como muitos outros, já se encontram mortos. Os grandes rios que passam por muitas cidades levam os "seus restos" – Rio Amazonas, Rio São Francisco, Rio Araguaia, Rio Paraná, Rio Tibagi e quantos mais. Rios que se transformam em canais de esgotos. Rios canalizados são também retratos de qualidade de vida na cidade, pois, eles são na verdade, canais artificiais. Rios "naturais" não correm por entre margens de concreto e sobre leitos de cimento. Rios limpos fluem por entre "cílios verdes" de proteção. Lagos e lagoas (en)cobrem – escondem tubulações clandestinas de esgotos urbanos – águas urbanas.

Água – espelho d'água! Com essa imagem 'estética' reflete suas margens. "O Caminho d' O Rio - expressão do encontro do homem com a natureza e/ou do homem consigo mesmo? (GRATÃO, 1994); "No "Caminho do Rio" – manifestação da Vida e da Morte". (GRATÃO, 1991). É essa uma 'imagem refletida' da água – expressando o relacionamento dos homens com um elemento essencial à vida – como "*subtractum vitae*". Água não é só H₂O como ligação química. Ela é alquímica. Para servir aos seus significados físico, simbólico e religioso (água de beber, água de banhar e água de benzer), é preciso estar pura. Água poluída não se serve a esses usos. É por esse 'olhar' que as fontes, rios, fundos de vales, lagos, cascatas, cachoeiras revelam a qualidade de vida. Mas devem revelar também, o bem-estar – o *ser-estar*.

Sobre qualidade de vida e bem-estar numa perspectiva geográfica encontramos três importantes referências : Bailly (1981) "La géographie du bien-être" ; Bailly e Racine (1988) "Qualité de la vie, bien-être, indicateurs sociaux territoriaux : l'homme géographique entre choix et contraintes" ; Racine e Bailly (1988) "Les nouveaux indicateurs sociaux et spatiaux : qualité de la vie, bien-être et disparités territoriales". Bailly (1981) ensina que "Le bien-être, comme toute valeur, constitue le résultat d'une relation entre une personne et/ou un groupe et un état ou un bien ; c'est une interprétation, bien évidemment subjective, du monde, une qualité que nous attribuons à un type de relation. De la préférence consciente ou inconsciente pour une forme de bien-être dérivent les notions de valeurs personnelles et collectives" (BAILLY, 1981, p. 11-12). Nessa perspectiva, Bailly desperta para que "la géographie du bien-être ne consiste-t-elle pas seulement à étudier les régularités et différenciations spatiales, mais s'attache à la manière dont les sociétés évoluent au travers des conflits dans l'espace, des dynamiques de la dialectique pouvoir-espace" (BAILLY, 1981, p. 22)

Racine e Bailly (1988, p.161) apresentam uma reflexão importante:

cosacré aux nouveaux indicateurs sociaux et spatiaux de la qualité de la vie, du bien-être social et disparités territoriales. Ils s'interrogent sur l'actualité de ce type de préoccupation, le piétinement des études en la matière leur paraissant lié à une insuffisance conceptuelle et à l'absence d'une élaboration théorique et méthodologique adaptée à une problématique neuve et difficile.'

Seguindo essa reflexão ao longo de todo texto, os autores concluem que o essencial não é saber construir os indicadores ou a serviço de que são construídos, mas "c'est de révéler, autant que faire se peut, les relations subjectives des individus et des groupes face à leurs pratiques. Cette géographie vécue aboutit non seulement à un meilleur diagnostic de situations territoriales mais aussi à une nouvelle géographie régionale consciente de l'intersubjectivité de la connaissance!" (BAILLY; RACINE, 1988, p. 240).

Na linha desse novo horizonte, é importante recuperar Tuan, pela perspectiva do lugar em direção à cidade. O lugar – vivido, concebido, mítico, sagrado, transitório ou eterno – em sua complexa teia de formulações tem sido um traço marcante na obra de Tuan, um dos expoentes da geografia humanística. Em "A View of Geography", artigo publicado em 1991, o autor definiria o lugar ou lar como conceito elástico e amplo. Lar "é a chave, palavra unificadora para todas as principais subdivisões da geografia", seja na escala da casa ou do planeta (apud MELLO, 2001, p. 99). Para Tuan, "geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas" (MELLO, 2001, p. 95). Em suas pesquisas, Tuan esmera-se em explorar como categorias matriciais da corrente humanística o lugar ou o lar e, por antagonismo e extensão, o espaço. Todavia, no conjunto de sua obra a questão urbana ocupa posição de destaque, entendendo que a cidade é a "conquista suprema da raça humana, arquitetonicamente e como um sistema social" (TUAN apud MELLO, 2001, p. 95 e 96). Pelas suas investigações, a cidade revela-se o local dos focos das grandes transformações e um dos focos de análise do livro "*The Good Life*", de 1986, no qual o autor, recorrendo ao conceito da boa vida, originalmente abordado pelos filósofos existencialistas. De acordo com Tuan, no âmbito do arsenal disponível e na pluralidade de recursos, "de todos os objetos criados pelos seres humanos nada se compara com a grandeza da cidade" (TUAN apud MELLO, 2001, p.97).

Recuperar Tuan aqui significa vislumbrar um novo conceito na avaliação ambiental, ou seja, um novo indicador de qualidade de vida? Abre-se um novo e instigante (per)curso de investigação geográfica pela via do lugar e da cidade. Vale aqui, também, registrar que Tuan não tem sido lido pelo 'olhar' da cidade' ou abordado na questão urbana, nem mesmo no campo de estudos sobre a percepção geográfica, onde sua obra tem frutificado grandemente.

É importante (re)lembrar que a cidade aqui é focada – 'olhada' – sob um "conjunto de imagens" e não como "unidade estatística e espacial". Nesse corpo de imagens, Ferrara

(2000) estudiosa dos significados urbanos representa uma grande contribuição. A abordagem perceptiva da paisagem permite o resgate das qualidades visuais que poderiam despertar enfoques cognitivos no tocante à organização do espaço urbano, interessando-se pelo modo como os indivíduos percebem e tomam decisões a respeito da cidade. Nesse vislumbre, a paisagem e a qualidade de vida na cidade passam pela representação imagética e simbólica.

Gomes (1989) chamando a atenção para a especificidade da linguagem poética e para a função da poesia na sociedade, ilustra o caráter único, essencial da poética, a qual, através da imagem, recupera o mundo. Mudanças profundas acontecem na relação entre o homem e o mundo: condições especiais de trabalho deformam a face de um universo harmonioso, paisagens se deformam e se reconstróem.

As cidades, portanto, se transformam. Sob o estigma do Progresso e do Útil, o espaço deixa de ter conformidade com quem o habita. Aglomerações oferecem-se ao olhar, cidades grávidas, que conjugam os seres para separa-los, para torna-los estranhos a si mesmos, estranhos uns aos outros, para impedir queo amor floresça e para evitar que a intransitividade do ser se interrompa. (GOMES, 1989, p.19)

Uma cidade para habitar reside no desejo do *flâneur* gozar o espetáculo da paisagem. É bem verdade, diz Lynch (1999, p. 134) que "precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico". Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural. A clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Ao aparecer um *lugar* admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a organização de tais significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória (p. 134). É esse *sentido de lugar* que a água ocupa um *lugar substancial* na paisagem urbana. E, então, indagamos: Que cidade imaginamos? Uma cidade que representa imagens? Que evoca imagens? Representação mental de uma impressão; lembrança, recordação; imagens do passado? Manifestação sensível do abstrato ou do invisível? Cenário de todas as experiências, impressões, previsões e sentimentos? Que cidades desejamos? Quais são nossas preferências por cidades? O que buscamos nas cidades?

ATO FINAL – A PALAVRA DA ÁGUA E A PALAVRA HUMANA

Finalizo este ensaio com a transcrição de um pedaço de texto conclusivo de Bachelard (1989, p. 17), filósofo e poeta das águas, fazendo dele nossas palavras:

Dedicaremos essa conclusão quase exclusivamente ao mais extremo dos nossos paradoxos. Este consistirá em provar que as vozes da água quase não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios *sonorizam* com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos: UFSCAR, 1996. p. 139-152.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAILLY, Antoine S. **Géographie du Bien-Être**. Paris: PUF, 1981.
- BAILLY, Antoine S.; RACINE, Jean-Bernard. Qualité de La Vie, Bien-Être, Indicateurs Sociaux Territoriaux: l'homo geographicus entre choix et contraintes. **L'Espace Géographique**, n. 3, p. 232-240, 1988.
- BATISTA, Antonia M. **A paisagem urbana de Londrina através da percepção**. 1995. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- BLEY, Lineu. Morretes: Um Estudo de Paisagem Valorizada. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos: USCar, 1996. p. 121-138.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, Adauto. (Org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 65-68.
- BRUNI, José C. A Água e a Vida. **Tempo Social**, São Paulo, v.5, ns. 1-2, p. 53-65, 1993.
- CASTELO, Lineu. A Percepção em Análises Ambientais – o Projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção Ambiental – experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p.23-37.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CUNHA, Lúcia H. O. Significados Múltiplos das Águas. In: DIEGUES, Antônio C. (Org.). **A Imagem das Águas**. São Paulo: Ed. HUCITEC, p. 15-25, 2000.
- DARDEL, Eric. **L' Homme et la Terre – nutre de la réalité géographique**. Paris: Ed. PUF. 1952.
- DÉFERT, Pierre. **Les Ressources et lês Activités Touristiques**. Aix-em-Provence: Centre d'Études du Tourisme, 1972.
- DICKENSON, John P.; AMORIM FILHO, Oswaldo B. de. Geografia Experiencial: uma perspectiva binacional. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.6, n.7, p. 23-32, julho 1996.
- DIEGUES, Antônio C. (Org.). **A Imagem das Águas**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2000.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FEBVRE, Lucien. **O Reno: História, Mitos e Realidades**. Rio de Janeiro: Civilização, 2000.
- FERNANDEZ, Pablo S. M. Trilha de imagens geofotográficas do Ribeirão Cambé: experiências de lugar por Águas de Londrina – PR. 2004. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.
- GOMES, Álvaro C. **O Poético: magia e iluminação**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- GRATÃO, Lúcia Helena B. O Caminho d' "O Rio" - uma expressão músico (eco)lógica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA FALA PROFESSOR, 2, São Paulo, 1991. **Anais**. São Paulo: AGB, 1991.

GRATÃO, Lúcia Helena B. et al. "O Caminho d' O Rio - expressão do encontro do homem com a natureza e/ou do homem consigo mesmo? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5, 1994, Curitiba. **Resumos...** Curitiba: AGB, 1994.

GRATÃO, Lúcia Helena B. A Poética d' "O RIO" – ARAGUAIA! De Cheias... & ...Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2002. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HERCULANO, Selene C. A Qualidade de Vida e seus Indicadores. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, Ano I, n. 2, p. 77-99, 1º semestre de 1998.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B. Do Sonho à Memória. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 1-19, 2003.

MELLO, João B. F. de. Descortinando e (Re)pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

NAZARIO, Liz (Org.). **A Cidade Imaginária**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção do Meio Ambiente e Geografia. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 1, 2001 [CD-ROM].

_____. Percepção da Qualidade Ambiental. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 12, n. 18, p. 40-49, 1º Sem. 2002.

_____. Os Estudos de Percepção do Meio Ambiente no Brasil. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 22-26, 2004 [CD-ROM].

PRINCE, Hugh C. The Geographical Imagination. **Landscape**, v. 11, n. 1, p. 22-25, 1961.

_____. Real, Imagined and abstratc Worlds of the Past. **Progress in Geography**, v. 3, p. 1-86, 1971.

RACINE, Jean-Bernard; BAILLY, Antoine S. Les Nouveaux Indicateurs Sociaux e Spatiaux : qualité de la vie, bien-être et disparités territoriales. **L'Espace Géographique**, n. 3, p.161-165, 1988.

TOMAZI, Vicente T. **Geografias íntimas... do espaço vivido ao espaço vívido... Lago Igapó**. 2004. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. (trad. Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e Lugar – a perspectiva da experiência**. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagens do Medo**. (trad. Livia de Oliveira). São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

WHITE, Edmund. **O Flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Recebido em maio de 2007
Aceito em outubro de 2007